

LIBIDO E ENVELHECIMENTO: O IDOSO, NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO, TEM SUA LIBIDO DIMINUÍDA?

LIBIDO AND AGING: DOES THE ELDERLY, IN THE AGING PROCESS, HAVE THEIR LIBIDO DECREASED?

LIBIDO Y ENVEJECIMIENTO: ¿LOS ANCIANOS, EN EL PROCESO DE ENVEJECIMIENTO, TIENEN SU LIBIDO DISMINUIDA?

Jose Mauricio da Silva*

Maria Pompeia Gomes Pires**

RESUMO

Este artigo, pensando psicanálise e envelhecimento, se propôs refletir acerca da condição libidinal do idoso. No processo de envelhecimento, há uma redução da libido? O texto apresenta algumas construções teóricas baseadas em Freud e ilustra com fragmentos de um caso clínico. Seguindo Freud, a libido é uma força que atua com impacto constante, sem jamais cessar. A missão da libido, como sabemos, é tornar inócua a pulsão de morte, desviando-a para fora em grande parte. Se o sujeito idoso não investe na realidade, deveríamos entender isso como algo da ordem do sintoma e não como um esvaziamento libidinal. Litzka, vinheta clínica, fala dessa condição. De seu modo, cada sujeito constrói seu caminho, sua história, buscando dentro de si suas próprias forças para continuar desejando. Como destino pulsional, a sublimação é o caminho possível.

Palavras-chave: Psicanálise. Idoso. Libido. Sublimação. Laço social.

ABSTRACT

This article, thinking about psychoanalysis and aging, aimed to reflect on the libidinal condition of the elderly. In the aging process is there a reduction in libido? The text presents some theoretical constructions from Freud and illustrates with fragments of a clinical case. Following Freud, the libido is a force that acts with constant impact, without ever ceasing. The mission of libido, as we know, is to render the death drive (trieb) innocuous by diverting it out, largely. If the elderly subject does not invest in reality, we should understand this as something of the order of the symptom and not as a libidinal emptying. Litzka, clinical vignette, speaks of this condition. Each subject builds his way, his/her history, seeking within himself his own strength to continue desiring. As a drive (trieb) destination, sublimation is

Texto recebido em 30 de julho de 2020 e aprovado para publicação em 5 de outubro de 2020.

* Doutor em Psicologia-psicanálise. Telefone: (31) 99629-1353. E-mail: consultorioalvaresmauri1030@outlook.com.

** Psicóloga, psicanalista, membro do CPMG. Telefone: (31) 99130-3960. E-mail: pompeiapires@hotmail.com.

the possible path.

Keywords: Psychoanalysis. Elderly. Libido. Sublimation. Social bond.

RESUMEN

Este artículo, enfocado desde el psicoanálisis y el envejecimiento, propone reflexionar sobre la condición libidinal del anciano. ¿En el proceso de envejecimiento hay una reducción de la libido? El texto presenta algunas construcciones teóricas a partir de Freud y se ilustra con fragmentos de un caso clínico. Según Freud, la libido es una fuerza que actúa con impacto constante, que no cesa jamás. La misión de la libido, como sabemos, es hacer que la pulsión de muerte sea inocua al desviarla. Si el sujeto de edad avanzada no invierte en la realidad deberíamos entender esto como algo del orden del síntoma y no como un vacío libidinal. Litza, viñeta clínica, habla de esta condición. Cada sujeto construye su camino, su historia, buscando dentro de sí sus propias fuerzas para seguir deseando. Como destino pulsional (trieb), la sublimación es la ruta posible.

Palabras clave: Psicoanálisis. Anciano. Libido. Sublimación. Lazo social.

1. INTRODUÇÃO

A temática proposta para nossa discussão nos remete, a priori, ao corpo, corpo envelhecido. Conteúdo pouco falado ou refletido que é psicanálise e envelhecimento. Assim, quando falamos de corpo envelhecido, estamos falando de sujeitos que chegaram a uma fase da vida chamada velhice. Então, deixemos que o idoso nos fale a partir deste lugar: lugar das limitações, do tempo encurtado, das angústias, dos medos, dos lutos, do que se pode e do que não se pode mais; enfim, da revivescência dos conteúdos infantis, sobretudo da angústia de castração, mas também das possibilidades de novas construções.

Para nós, brasileiros, a figura do idoso parece ser uma novidade. A longevidade é um fenômeno inédito, e estamos diante da primeira geração que alcança idades tão avançadas. Vive-se mais atualmente. Essa nova realidade envelhecida pede a nós, analistas, um olhar e uma escuta acerca das especificidades dessa clínica. Pára no ar certo preconceito em relação a essa modalidade de atendimento, em discursos de analistas perguntando ou até mesmo afirmando que é difícil análise nessa fase da

vida ou não é possível devido ao acúmulo de conteúdo. Embora não seja o objetivo deste texto, quero apenas fazer essa marcação e voltar para a questão que nos move neste artigo. A pergunta que gerou este texto nasceu em uma jornada psicanalítica, quando falava desta clínica com idosos. Alguém perguntou: “Mas, no sujeito idoso, não há uma diminuição da libido?”. Isso não prejudica a análise? Tocado pela questão, julguei oportuno responder-lhe.

2. FREUD E O ENVELHECIMENTO

Iniciando essa reflexão acerca do corpo envelhecido, ou do corpo envelhecendo, ou do corpo e envelhecimento, ou do sujeito que envelhece, pergunto: quando envelhecemos? O que é envelhecimento psicanaliticamente falando? Não há, a priori, um ponto inicial em que diríamos “aqui começa o envelhecimento”. Na verdade, desde que nascemos, já começamos a envelhecer. Do ponto de vista psicanalítico, pontuo o momento em que o idoso se percebe em um conflito ou numa experiência estranha: há um encontro de um corpo que se fragiliza com uma instância que não envelhece, o inconsciente. Quase sempre, segundo Silva (2017, p. 62), “Um desencontro, na verdade. Um desencontro que provoca um desajuste, que desperta sentimentos ou emoções que até então não eram sentidas ou não percebidas”. Momento em que o sujeito idoso é convocado a um reposicionamento diante da vida. Alguns clientes falam desse encontro como sendo “um acerto de contas” ou “é preciso passar a história a limpo”.

Freud (1929-1930/1988) nos fala, em *O mal-estar na civilização*, que “o sofrimento nos ameaça a partir de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência” (p. 85). E continua: “Enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?” (p. 95). Nesse texto, Freud fala do envelhecimento, entendendo-o como momento de decadência e causa de sofrimento, cujo desfecho é a morte e, para tal, não há remédio.

Em entrevista concedida ao jornalista George Sylvester Viereck, em 1926, Freud fala de sua velhice aos 72 anos, da qual não reclama, pois a vida foi benevolente com ele, concedendo-lhe alimentos, família, filhos. “Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando, tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra, encontrei um ser humano que quase

me compreendeu. Que mais posso querer?” (Freud, 2015). Entendendo, contudo, essa fase da vida como nada prazeroso, diz: “Talvez os deuses sejam gentis conosco, tornando a vida mais desagradável à medida que envelhecemos. Por fim, a morte nos parece menos intolerável do que os fardos que carregamos” (Freud, 2015).

Em seus textos, percebemos que Freud deixa transparecer um olhar pessimista acerca do envelhecimento. Mas, por outra parte, foi o momento em que melhor produziu. Sabemos de sua vida sofrida, com perdas, lutos, mas nem por isso deixou de construir sua obra-prima, a psicanálise. O que nos permite falar da dinamicidade da mente bem como de sua saúde psíquica. Assim, o envelhecer pode despertar potenciais adormecidos, criando projetos marcadamente criativos e prazerosos.

3. A LIBIDO NA TEORIA PSICANALÍTICA: ALGUNS APONTAMENTOS

O vocábulo “libido” aparece no texto freudiano, pela primeira vez, no Rascunho F (Freud, 1894b/1996), quando Freud está discutindo, em suas cartas dirigidas a Fliess, acerca da etiologia da neurose de angústia. No Rascunho E (Freud, 1894a/1996), no qual se discute “como se origina a angústia”, encontram-se termos como “represamento”, “tensão”, “acúmulo”, “excitação”, com ênfase na excitação endógena referindo-se à libido. Pontuando a dimensão econômica, Freud afirma que a tensão endógena cresce contínua ou descontinuamente e que somente é percebida quando ultrapassa certo patamar, e diz: “Somente acima desse limiar que a tensão passa a ter significação psíquica, que entra em contato com determinados grupos de ideias, que com isso, passam a buscar soluções” (Freud, 1894a/1996, p. 238).

Do ponto de vista econômico, está-se falando de energia psíquica e de sua origem impulsiva, como nos diz Freud (1905/1996), em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: “A existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa na biologia, com a suposição de um ‘instinto sexual’” (p. 20). Instinto correlativo à pulsão (trieb), ou impulso. Nessa concepção, está implícita a ideia de investimento, ou seja, investir tanto ou quanto em um objeto. Algo similar ao que se usa em física, por exemplo, quando se fala de conservação de energia, entropia e menor ação. Por conservação, entendemos que o investimento energético nunca se perde e é percebido no consumo e nas transformações desses investimentos envolvidos nas forças psíquicas.

Ao falar do recalque, em O inconsciente (1915/1996), diz Freud: “Deve

tratar de uma retirada da catexia; mas a questão é: em que sistema ocorre a retirada e a que sistema pertence a catexia retirada? A ideia reprimida permanece capaz de agir no lcs., e deve, portanto, ter conservado sua catexia” (p. 185). Já o princípio de entropia diz da necessidade que a energia impulsiva tem de descarregar, diminuir a tensão. E o princípio da menor ação se refere a processos que envolve outras energias, que não são os impulsos básicos, que funcionam usando o mínimo possível de energia.

No Rascunho F (18 de agosto de 1894), Freud (1894b/1996) comenta o caso de um cliente que apresenta um considerável enfraquecimento da sexualidade, com diminuição do investimento libidinal e uma debilidade no domínio psíquico da excitação sexual somática. E ele pergunta: “Como foi adquirido esse enfraquecimento psíquico?” (p. 243). O caso será explicado em mais detalhes apresentando a história do sujeito em questão, algo que não nos interessa aqui. Mas sim a concepção do conceito de “libido”. Freud não o entende como algo a ser quantificado objetivamente como pretendia Reich. Uma palavra imprecisa, pois designa tanto a sensação de necessidade como a sensação de satisfação, conforme nota de rodapé nos Três ensaios sobre a sexualidade (Freud, 1905/1996), e como uma especulação teórica, de valor meramente heurístico, isto é, um conceito que explicaria fatos psíquicos.

Na verdade, Freud (1932-1933/1996) fala de sua mitologia na Conferência XXXII (Angústia e ansiedade): “A teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão” (p. 98). Os mitos são relatos que falam de sentido àquilo que foge à compreensão humana, evocando, portanto, entidades supra-humanas e eternas para explicar eventos passados, bem como o que acontecerá aos homens e ao Universo, podendo exercer função de cura. De forma concisa, o mito é a linguagem imagística dos princípios e tem por finalidade traduzir a origem, seja do ser humano, seja do mundo, da instituição, um gesto, um comportamento.

Ao pensar essa entidade mítica (força psíquica), Freud o faz pensando com base na dimensão do conflito e põe em relevo sua dimensão econômica quando diz: “Imaginamo-lo como uma determinada quantidade de energia que faz pressão em determinada direção. É dessa pressão que deriva o nome de *Trieb*” (Freud, 1932-1933/1996, p. 99). Em Os instintos e suas vicissitudes, Freud (1915/1996) define as pulsões pelos quatro conceitos: fonte, finalidade, objeto e pressão. Esses elementos vão definir o movimento pulsional: partindo da fonte se direciona para um

alvo, contorna o objeto e volta à fonte, e daí origina um novo movimento.

Se a libido pode se deslocar tanto no que se refere ao objeto e ao objetivo, também vai se diversificar no tocante às fontes de excitação, ou seja, “Há, portanto, uma diversificação das zonas erógenas, que se distribuem por quatro regiões do corpo: oral, anal, uretro-genital e mamária”, diz Roudinesco (1998, p. 473). Roudinesco (1998), no dicionário de psicanálise, assim define libido:

“Todavia, a libido, é uma dimensão fundamental da pulsão, fixa-se em objetos: essa libido objetual pode deslocar-se em seus investimentos, mudando de objeto e de objetivo. É então sublimada, ou seja, derivada para um objetivo não sexual, onde investe objetos socialmente valorizados: a arte, a literatura, o intelectualismo, atividade passional (p. 473).

Em 1915, Freud diz que a análise de um evento psíquico somente é possível quando for possível uma leitura das suas relações dinâmica, tópica e econômica, critério para que esteja no âmbito metapsicológico. Do ponto de vista dinâmico, falamos das forças psíquicas (pulsões) em conflito; o econômico fala da energia psíquica de natureza sexual (libido) em funcionamento; aqui falamos e analisamos os investimentos realizados pelos sujeitos nos objetos de desejo; e, do ponto de vista tópico, fala-se da interação das instâncias psíquicas, id, ego e superego. Nesse sentido, um evento psíquico propriamente dito precisa ser escutado com base nestas três dimensões: econômica, tópica e dinâmica. A escuta da história do sujeito vai sinalizando para o analista a origem do conflito e em quais instâncias psíquicas se processam os movimentos pulsionais.

Partindo das fases da organização da libido (oral, anal, fálica e genital), o analista escuta “o quanto de cada fase anterior persiste junto às configurações subsequentes, e depois delas, e obtém uma representação permanente na economia libidinal e no caráter da pessoa” diz Freud (1932-1933/1996, p. 102). Pontua-se, nesse sentido, as possibilidades de regressões da libido a fases anteriores e que, em razão de “pontos disposicionais”, surgem as formas diferentes das psicopatologias.

Posteriormente, Freud falará de duas classes de pulsões: eros, ou as pulsões sexuais no sentido mais amplo, e tanatos, a pulsão de morte, que atuam no organismo humano em conflito permanente. Assim, ambas as pulsões estariam presentes nos seres vivos, misturadas, fusionadas ou desfusionadas. Nesse contexto, “A vida consistiria nas manifestações do conflito ou na interação entre as duas classes de instintos” (Freud, 1932-1933/1996, p. 274). Ou seja, em vez de entender os eventos como meras

descrições, a psicanálise propõe uma explicação dinâmica resultante da interação das forças psíquicas em ação.

Nesse sentido, precisamos entender a teoria da libido ou a teoria das pulsões (para Freud, nas Novas conferências, são sinônimas) como algo distinto do que se entende nas Ciências Naturais (na física, por exemplo, com diferentes conceitos de energia) ou biologia (reações bioquímicas). Rapaport (1982, p. 76) nos auxilia assim, quando diz:

A energia muscular do comportamento não é a energia psicológica da qual fala a teoria psicanalítica: as forças psicológicas que, em sua atuação utilizam a psicológica, somente libertam as forças que usam a energia bioquímica dos músculos . . . A energia psicológica é considerada como de origem impulsiva.

O conceito de energia utilizado em psicanálise não se equipara evidentemente a qualquer outra modalidade de energia bioquímica, nem é correspondente ou resulta da energia provinda das descargas musculares.

As diferenças na qualidade (mobilidade versus grau de neutralização) da energia psicológica estão em correspondência com as diferenças observadas entre pensamentos latentes (obsessões) e pensamentos passageiros (reflexão lógica), entre ações impulsivas ou compulsórias e ações que dependem de escolha (Rapaport, 1982, p. 38).

Essa proposição de Rapaport é interessante porque nos fala de dois movimentos, ou seja, em um evento psíquico, a pulsão seria a força que impulsiona o organismo a descarregar a pressão que está causando o desconforto na região "a" ou "b". É um acúmulo de energia que precisa ser descarregado. Assim, entendemos que as mais variadas excitações corporais provenientes das zonas erógenas nada mais são do que tentativas ou escoamento de energias acumuladas nessa junção de pulsão e organismo. Algo que Freud já falara quando escrevera acerca do desenvolvimento da libido usando o conceito do corpo como apoio.

A teoria da libido será pensada juntamente com o processo do desenvolvimento do psiquismo como um todo, como já exposto. Esse complexus todo é lido ou analisado pela maneira como as relações são estabelecidas entre os desejos e seus objetos. Ou seja, falamos aqui dos diferentes investimentos libidinais que o sujeito faz consigo mesmo e com o meio (seus objetos), mesmo que este meio seja o próprio sujeito. Ou seja, a libido, portanto, é a energia que direcionamos aos objetos de nosso desejo. Libido é calor, o fogo, o esforço que busca satisfação na ligação com o objeto de desejo. A priori, espera-se que esse movimento esteja voltado para fora, porém há momentos em que esse movimento libidinal se volta

para o próprio eu e faz deste o objeto de satisfação. É o que Freud trabalha em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud, 2014/1996). Há momentos na vida em que a dor em um órgão, por exemplo, retira-nos do mundo e nos reduz a esse pequeno espaço do corpo. Sou um dente quebrado ou simplesmente um pedaço de fio dental rompido que se prendeu entre os dentes e que não consigo tirá-lo.

Creio que aqui podemos retornar à questão central deste artigo: no processo de envelhecimento, o sujeito idoso perde ou experimenta uma diminuição da libido? Ao escutarmos Freud (1915/1996) falar acerca da pulsão (conceito situado na fronteira entre o mental e o somático), escutamos que esta “jamais atua como uma força que imprime um impacto momentâneo, mas sempre como um impacto constante”. E mais: a pulsão (instinto) “não incide a partir de fora, mas de dentro do organismo, não há como fugir dele” (p. 124).

Então essa maneira de pensar nos conduz a outra direção: se o sujeito idoso está ensimesmado, investido em si mesmo e não no mundo, não temos um esvaziamento da libido necessariamente, e sim um sintoma. Sintoma nos fala de outra coisa. Recordo-me de um senhor de 89 anos, professor universitário, grande pesquisador, produtivo. Ele chega ao consultório e me diz: “Doutor, venho falar com o senhor, porque acho que estou envelhecendo”. Chamam-me a atenção os dois verbos: acho e estou. Na sessão, deixa transparecer que algo o incomoda e tira-lhe do mundo do trabalho. A esposa, já bem idosa, em demência senil, demanda seus cuidados. Para não terceirizar os cuidados, abre mão do que faz. Cansado, dormindo pouco, sem o espaço universitário onde participa de bancas de mestrado e doutorado, pergunta-me: “Doutor, o que faço?”. Há um desejo de continuar sua vida produtiva e, por outro lado, culpa-se a si por abandonar a esposa. “Eu prometi amá-la na saúde e na doença.” E lembramos que a missão da libido, como nos recorda Freud (1924/1996, p. 181), é “tornar inócua o instinto destruidor e a realiza desviando, em grande parte para fora – e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo externo”.

Penso que apresentar um caso clínico ou um recorte iluminaria bem o que estou teorizando. Liza, 75 anos, estrangeira, fora encaminhada por um geriatra. Queixava-se de hipotensão postural, dores musculares, artrose, insônia e pesadelos aterrorizantes e difícil relação com o filho mais velho. Aos 12 anos, conheceu o Brasil, em uma viagem oferecida por deputados federais que visitaram seu país, hospedando-se na casa de Ivete Vargas. São três irmãos. A mãe, descrita como mulher muito linda,

dançante e sedutora. “Não gostava de meu pai, tinha amantes.” O pai era muito trabalhador e gostava muito de ler. Ele foi grande incentivador em sua vida acadêmica. Casou-se com um brasileiro que estudava em sua cidade natal e veio para o Brasil, na década de 1960, em plena ditadura militar. Por ser proveniente de país comunista, custou-lhe muito a amizade de vizinhos, temerosos de represália. Tem quatro filhos. Ficou viúva aos 55 anos e não refez mais sua vida amorosa, alegando ser tímida para isso. Teve um flerte com uma mulher, algo rápido e sem sentido, diz. Litza é alta, loura e olhos azuis. Mulher bonita, tem presença, muita energia. Psicóloga.

Litza chega ao consultório num processo longo de doenças que foram lhe roubando a alegria de viver, tirando sua autonomia e deixando-a enclausurada em sua casa, desanimada. Freud (1914/1996, p. 89) lembra-nos de que o sujeito, quando adoentado, retira os investimentos libidinais do mundo e os faz retornar ao próprio ego, ou seja, “os sentimentos de amor foram banidos pelos males corporais e, de súbito, substituídos por uma indiferença completa”. O eu, inibido em sua função devido ao empobrecimento de energia, impõe a si a restrição de sair, pois isso implicaria acordar a sintoma da angústia.

Farei alguns recortes buscando falas ou frases em meio às muitas sessões ocorridas, numa tentativa de construir a fantasia alimentada por Litza, como proteção do encontro traumático com a castração e, ao mesmo tempo, escutar a queixa de Litza, seu encolhimento. Isto é, o neurótico busca meios para alterar os fatos psíquicos para se proteger de experiências traumáticas. A análise de Litza neste momento consiste em escutar essas estruturas protetoras ou sublimações dos eventos embelezados, visando a obstruir os caminhos rumo às lembranças. Que lembranças? As primeiras que aparecem disfarçadas em sintomas são os terrores noturnos vivenciados nos sonhos e a angústia ao acordar. E sintomas expressos em tremores corporais, os quais entendo como sendo uma tentativa de descarregar a energia represada proveniente do medo que marcou profundamente sua vida.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Litza tinha entre 4 e 5 anos. Devido aos ataques aéreos, refugiava-se, por dias, com a família e vizinhos, em espaços subterrâneos, e se alimentavam de água de batatas. Passou fome, sede. Em seus relatos, falava sempre do “escuro”. Medo do escuro, medo da noite. Acordava à noite, angustiada, tremendo. A noite a remetia às grutas ou buracos onde se escondiam. Uma experiência marcada pela ameaça, pelo encontro com o estranho, por uma falta de suposta segurança. Que nos garante neste lugar? Se não há garantias para vida no “cotidiano”,

quanto mais em tempos como estes, de guerra, de pandemias. Eis a impotência ante o desespero do trauma que expõe o sujeito ao excesso de excitação. A condição de desamparo, diz-nos Freud (1927/1988), em *O futuro de uma ilusão*: “Desagradável suspeita de que a perplexidade e o desamparo da raça humana não podem ser remediados” (p. 27). Ante tal sofrimento, somente nos restam medidas paliativas, “derivativos poderosos que nos faz extrair luz de nossa desgraça (atividade científica); satisfações substitutivas que a diminuem (artes... fantasias); e substâncias tóxicas” (p. 83).

Em Inibição, sintomas e angústia, Freud (1925-1926/2014) aponta a angústia como constitutiva da condição humana e afirma se está estrutural quando diz: “O ato de nascer é a primeira experiência da angústia, sendo assim, a fonte e o protótipo da sensação de angústia” (p. 88). E, diante das realidades insuportáveis, há de se buscar outros meios, como pontua Freud: “Pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos” (p. 89). E para tal não há caminho pronto.

O “escuro”, “noites escuras” foram se clareando com relatos de eventos tais como abuso aos 12 anos. Um ex-namorado da mãe, quando a encontrou em sua terra natal, agarrou-a e beijou-a, dizendo que ela era parecida com sua mãe. Parecida, indaga o analista. Mudando o tom de voz, fala da beleza da mãe, ou melhor, surfando na beleza da mãe, vai se descrevendo num movimento sedutor, numa tentativa de tirar o analista de seu lugar e tê-lo como amante. Aí fala de sua condição de desprotegida e projeta no analista sua fantasia de menina desamparada e ingênua, como gosta de se descrever. Ela fala da viagem aos 12 anos ao Brasil, a passagem pela França, sozinha. E me diz: “Imagina como meu pai me deixou vir”. O analista grifa o significante “deixou”.

Ao falar do pai, ela retira da bolsa uma lanterna e uma lupa, e diz ao analista: “Veja o que meu pai me deu”. “O que é isso?”, pergunta o analista. Responde: “Uma lupa e uma lanterna”. “Sim. Uma lanterna e uma lupa”, afirma o analista. O pai, em sua função religiosa por excelência (“re-ligare”) liga significante ao significado, lei e desejo, simbólico e imaginário, na presença do real. É o que se espera de um pai: ligar, diz Silva (2010).

Segundo Freud (1905/1996), no Complexo de Édipo, a criança renuncia a gozar-se por meio da mãe. Assim, a função paterna é a que possibilita o aparecimento do desejo do sujeito em constituição. O pai, no sentido de

função, introduz a proibição do incesto e abre caminho para que o sujeito entre no mundo da cultura. Graças à função paterna, o complexo de Édipo será superado e, conseqüentemente, a lei é introjetada, fazendo com que o superego se torne o herdeiro do complexo de Édipo. O “pai”, como função, é promotor da alteridade, é o que insere a criança na cultura. Segundo Silva (2010, p. 83), “Sob o olhar materno, o pai é o que se apresenta como outro - alteridade - na relação mãe-criança e abre a possibilidade de se criar um vínculo com a criança”. Nesse contexto, lanterna e lupa deixam de ser simplesmente objetos e se tornam direção ampliada: lanterna é igual a luz, iluminar; lupa é a possibilidade de ampliar seus horizontes, o mundo é maior que a cidade natal. O pai, em sua condição de função, diz a Litza: vá! É a condição necessária para se constituir como sujeito desejante. Ante a autorização do pai, ela parte, porém fica algo perdido do qual Litza reclama, clama de novo. O “novo-velho” atualizado na relação transferencial com o analista.

Aos poucos, a transferência vai recebendo contornos difíceis para o analista. De uma transferência positiva, com expressões de sentimentos de afetos e carinhos, vai se ganhando adendos negativos. Pulsões agressivas traduzidas em inveja, ciúmes e sentimentos eróticos expressos vão se constituindo numa luta entre analista e analisando. Ante a demanda pela gratificação de amor na presença do amado, Litza luta e utiliza todos os meios.

Em uma sessão, pede para deitar-se no divã. Deita-se e logo em seguida se levanta, pega sua bolsa, retira dela uma manta, volta ao divã e cobre-se. E diz: “Você poderia deitar aqui comigo, tá tão aconchegante. Nós poderíamos ficar aqui”. O analista responde: “Nós?”. A pergunta (nós?) provoca uma raiva que a faz vociferar uma crítica aos psicanalistas: “Vocês, psicanalistas, são insensíveis diante de nossa dor. Não me dou bem com psicanálise. Vou parar a terapia. Sou psicóloga e sei do que estou falando”. Freud (1914-1915/1996) nos adverte de que, ante uma situação dessa, o analista deve entender que a situação analítica induz a tais sentimentos amorosos. Tecnicamente, não se deve recusar nem consentir. E acrescenta:

Instigar a paciente a suprimir, renunciar ou sublimar seus instintos, no momento em que ela admitiu sua transferência erótica, seria não uma maneira analítica de lidar com eles, mas uma maneira insensata. Seria exatamente como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta (Freud (1914-1915/1996, p. 181).

Em outras palavras, seria tão desastroso ceder como suprimir. O analista

tem ciência de que, no manejo da transferência erótica, deve-se considerar que as reedições de conflitos infantis são provenientes de desejos insatisfeitos e que são revividos no contexto do tratamento analítico.

Após essa sessão, ela se ausenta por duas semanas. Ao retornar, depara-se com uma cliente saindo. Entra e diz: “Não gosto dessa mulher aqui”. O analista diz: “Mulher?”. Ela se assusta, olha para mim e dispara uma raiva de sessões anteriores: “Dia tal, eu estava falando dos meus sentimentos por você, você desviou o assunto e trouxe meu pai, você é muito insensível. Você me cortou”. O analista a convida a falar dos sentimentos e que estava disponível para escutá-la. “Não quero falar disso mais, estou perdendo meu tempo aqui, retruca ela”.

O analista, como ficou nessa história? Invasão literalmente. Ora por uma raiva descontrolada, ora por uma ironia, uma tentativa de desconstrução de seu lugar. E aí lembrava Freud, ao dizer-nos que não podemos sublimar o amor de transferência e que compete a nós a interpretação sob a abstinência. E mais: que devemos proceder de modo que o desejo e a expectativa do paciente subsistam, e que façam dessas forças o meio para continuar o trabalho analítico e que não sejam substituídas por outras satisfações. Somente a interpretação vai paulatinamente dissolvendo a resistência disfarçada na transferência negativa. O corte interpretativo produz, provoca, desfaz a fantasia que sustentava o ser do sujeito.

Em outra sessão, falando de sua infância, Litza busca uma palavra em português para descrever o que sente e não a encontra. Recorrendo à língua materna, diz a palavra e pergunta, “Você entende?”. “Não”, responde o analista. E aí começa um esforço de tradução e, ante a impossibilidade da palavra, diz: “Me ocorre uma cantiga de criança”. Encorajada pelo analista, começa a cantá-la e bem devagar, o analista vai “gungunando” e a acompanha em sua viagem. E ali, analista-analisando, no embalo de uma cantiga infantil, como uma mãe suficientemente boa, acolhe, num ato analítico, o estranho-familiar. Ante uma situação em que não se tem manual de instrução, há de se valer da sensibilidade, imaginação e características pessoais, recorrendo às experiências vividas.

O analista buscou, em seu baú, algo dos primeiros anos em que atendia crianças. Se funcionou com crianças, aqui também, quem sabe, pensa o analista. Se dá conta, em seguida, de que é da “criança” (infantil) que cuidamos. Ao ouvir a canção, o analista se pergunta: que notas do infantil se apresentam nesse cantar? O que da voz, do grito, do lamento, do gungunar carinhoso materno incide na matriz simbólica de Litza? E o que

escapou e que retorna como fantasma exigindo ser escutado de novo? O analista é tomado por um vazio no peito, uma sensação de aperto, eis aí a angústia. Respirando e repetindo a notas musicais, acompanhava a melodia como um “manhês”, entendendo seu canto como possibilidade de invocar a analisante, pelo ritmo e pelo tom, e não pelo conteúdo a este, algo que retorna clamando pelo sentido. Embora saibamos que, pelo “manhês”, se começa a nomear e diferenciar as coisas, porém nem tudo pode ser dito, pois algo sempre escapa, o indizível.

O que resultou desse ato analítico? O que posso descrever leva-nos de volta aos sintomas falados nas primeiras sessões. Medo do escuro, medo da noite e tremedeiras associados aos esconderijos subterrâneos foram se arrefecendo e cedendo espaço para outros conteúdos. Entendemos que a criança, dada à imaturidade motora e simbólica, carece de recursos para traduzir e identificar o mal-estar. Essa incapacidade de significar coloca a criança numa situação de desamparo, o que põe em cena o outro como presença indispensável. Embora Litza tivesse 4 a 5 anos, biologicamente falando, não tem os dispositivos psíquicos para elaborar os excessos vividos pela guerra. Embora possa gritar, chorar, dizer da fome ou da sede, não consegue perceber que o outro ali diante dela está impossibilitado de responder às suas demandas. Ele é faltoso. A vivência de satisfação (momento mítico de origem do desejo e da falta no simbólico) retida como traço de memória pode ser recatexizado em qualquer momento. Em uma urgência interna, uma moção psíquica procura se reinvestir do traço de memória. A essa moção denominamos desejo.

Ante a impossibilidade de se resolver sozinho, o outro é convocado, outro que é capaz de produzir o bem-estar, de dar sentido e solucionar o incômodo, seja biológico ou psíquico. Poderíamos perguntar por este outro num contexto de guerra. Foi possível assegurar esse lugar? Na falta de alimentos, água, o que pode o outro? A guerra põe na mesa a fragilidade do outro, o outro não pode tudo. O outro não me socorre e não me protege. Ante a castração do outro, a morte é possível, não estou seguro. Segundo Freud (1924-1925/1996), o perigo vivido pela criança é o de perder o objeto protetor, de ser abandonado por aquele que o livra da situação de desamparo. Perder o amor do outro significa viver a angústia do desamparo.

Temos um ponto inicial de desamparo, o estrutural. A situação de guerra o atualiza, põe em movimento essa primeira experiência. E há outra sessão em que Litza fala da mãe que não amava o pai e que tinha amantes. Ela era

a segunda filha de três irmãos. E dizia que o preferido da mãe era o irmão caçula. Aos poucos, vai-se descortinando a fantasia, as formalizações sucessivas de uma mesma sequência de fantasias: abandono primário, abandono na guerra, abandono da mãe, abandono do pai, que a deixa ir sozinha para o Brasil, abandono do marido que arruma amante, abandono do filho mais velho que corta as relações e morte do marido, e agora, o analista, insensível, que não responde às suas demandas.

A fantasia fundamental tem uma função lógica que determina toda a existência do sujeito; o sujeito é escravizado por ela. Essa maneira de funcionar não é dada, mas resultado de uma construção em que o sujeito se vê identificado às repetições que o leva sempre ao mesmo lugar. A análise é a condição de desconstrução das identificações egoicas e sintomáticas rumo à travessia da fantasia fundamental. Litza repete o abandono e acredita ser essa sua maneira de funcionar. A desconstrução dessa monotonia permitirá que Litza amplie sua concepção de mundo, não mais usando a lupa do pai, mas por meio de sua própria análise.

Após a sessão da cantiga infantil, ela me apresentou uma colher de madeira, segundo diz, a mãe usava para bater-lhes nas mãos. “Como assim?”, indaga o analista. “Minha mãe gostava da casa muito limpa. Era obsessiva. Meu pai, para entrar em casa, tinha de tirar os calçados e, se deixasse alguma marca, era aquela briga.”

Num primeiro momento, o analista se pergunta: o que significa isso? Duas ideias povoam sua mente: o pai de Litza, impotente ante a mãe fálica, e o texto freudiano “bate-se em uma criança”. No segundo tempo do Édipo em Lacan, o pai comparece como aquele que priva a mãe, condição para desalojar a criança da posição ideal imaginada como possibilidade de continuação da célula narcísica, ou seja, mãe e filha poderiam satisfazer-se. O movimento de afastar-se da mãe leva a menina a uma aproximação com o pai e, nessa saída edipiana, sustenta a fantasia de ter um filho do pai, maneira simbólica de possuir o pênis. Mas aqui permanece uma questão: como sustentar a fantasia de ter um filho do pai se este se apresenta impotente?

O falo torna o eixo ao redor do qual gira toda a questão da sexualidade. Via complexo de Édipo e de castração, Freud construiu sua teoria acerca de como o sujeito acede ao posicionamento subjetivo masculino ou feminino. Assim, o complexo de Édipo, como dimensão estruturante, aponta para aquilo que é determinante no destino do sujeito, não deixando de implicar o sujeito nesse destino, seu posicionamento de gozo diante da

confrontação com o desejo do Outro e com a castração.

Ante uma mãe fálica (jacaré de boca aberta), Litza se depara com um pai frágil, impotente. Não satisfaz o desejo da mãe; a mãe busca amantes. Diz Litza: “Acho que ele sofria com isso, mas não falava, né?”. Litza fala do pai a partir deste lugar: “Ele não podia fazer nada, minha mãe não deixava, ela era tudo, mandona como sempre”. Como isso foi vivido por Litza?

Litza usava sempre uma expressão para falar de si: “Sempre fui muito ingênua, sempre acreditei nas pessoas, e elas me enganavam, né?”. “Sempre”, pontua o analista. “Isso, não tenho maldade, a pessoa me diz algo, e eu acredito.” E enumera uma série de eventos em que isso ocorreu. Por exemplo: “Me indicaram um médico tal. Eu fui. A consulta? Um absurdo. Essas coisas sempre acontecem”. Quando o analista procura implicá-la em suas ações, pontuando essa projeção no outro, em expressões como “me indicaram?”, “me falaram?”, ela diz: “Você faz pergunta demais. Você precisa me dar uma fórmula para eu sair disso”. Podemos dizer que, identificada ao pai impotente, apenas repete a impotência de nada saber, nada fazer e, como o pai, nada fazia para barrar a mãe fálica. Como pobre coitada e vitimada pela vida, esconde-se atrás de discursos como “sou tímida, sou ingênua”.

Litza comparece às sessões, quase sempre, levando algum objeto. Chegava à sala, abria a bolsa e dizia: “Sabe o que trouxe hoje para te mostrar?”. Entendo o “abrir a bolsa” como disponibilidade para trazer seu mundo interior à análise. Os objetos trazidos por Litza, entendia o analista, como objetos transicionais, seguindo a teoria de Winnicott. Objeto com a função de substituto da mãe (capaz de apaziguar sua angústia) encontra-se num espaço intermediário entre os mundos interno e externo. Entendendo espaço transicional como espaço potencial, espaço de construção. Dessa maneira, a colher de madeira não é o pedaço de madeira alongado e trabalhado na realidade externa nem a fantasia da mãe castigadora que a espancava. Estão amalgamados no mesmo objeto, o objeto transicional.

A colher de madeira e o set analítico; poderíamos dizer, objeto e espaço. A presença do analista e analisanda. Para dar conta do desamparo, ou melhor, para falar desse lugar, Litza se apoia em vários objetos trazidos da terra natal. E, nas sessões, vai desfilando cada um, com cores diferentes, tamanhos e histórias. Desempenham a função de revelar. Mostrar o que está por trás.

No decorrer da análise, em determinados momentos, começou a faltar.

Faltava a uma ou duas sessões seguidas. As faltas coincidiam com sessões quando falava de sua paixão pelo analista, como: “Sei que sou velha demais pra você, você entende?”. “O que você quer que eu entenda?”, pergunta o analista. “Você se faz de mal-entendido”. “Mal”, pontua o analista. “Eu não sei nada de sua vida, se é casado, solteiro, se tem filhos . . . Por que você não me diz?”, pergunta ao analista, já muito irritada. O analista lhe diz: “Você mudou o tom da voz: mais alta, e tem muita raiva aí. Podes falar sobre isso”. Ao término da sessão, diz não se dar bem com psicanálise. Ao que a analista pergunta: “Quem é a psicanálise?”. E termina a sessão. E começa a faltar às sessões.

As ausências, como jogo semelhante ao for-da, comparece e não comparece, presença-ausência, diz ao analista de sua condição de suportar, não suportar; se, nas brincadeiras as crianças, repetem tudo aquilo que lhes causou uma grande impressão, Litza aqui repete o medo do abandono. Eu o abandono antes que você me abandone.

Ao retornar, ainda na porta, em pé, sorrindo, pergunta: “Sentiu minha falta?”. “Falta?”, indaga o analista. “Eu sei que não significo nada pra você.” “Humrum”, sussurra o analista. “Tenho a impressão de que você é igual à minha mãe. Age igual a ela. Meu pai falava, e ela não estava nem aí. Você também.” “Mãe, esta mãe . . .”, ironiza o analista. “Mas não estou aqui pra falar de minha mãe.” “Pode estar”, diz o analista. Ela desconversa e muda de assunto.

Em outra sessão, me diz: “Hoje quero falar de nós dois.” “Dois?”, pergunta o analista. “Tá vendo? Você não me dá chance de abrir a boca e já me corta.” “Corta”, o analista faz uma escansão. “Só falta pegar a colher de madeira e pedir para abrir a mão (mãe) e me bater”, diz Litza. Ela comete um ato falho: ao dizer mão, diz mãe. “Abrir a mãe”, grifa o analista. Litza retruca: “Não disse isso”. O analista silencia e a deixa no vazio. Desconcerta-se, balbucia algo em voz baixa, inaudível. O analista lhe diz: “Não entendi”. Ela também silencia. Próximo já do fim de sessão, me fala de sua viagem à terra natal e que ficou lá por dois meses.

O analista, na contratransferência, ficou tocado pelo silêncio de Litza. O que teria ela balbuciado? Movida pela raiva, respondeu com o mesmo silêncio? Vingou-se do analista, isso mesmo, pensou ele. Frustrada em sua demanda “falar de nós dois”, Litza não apenas respondeu com o silêncio de dois minutos na sessão, mas o deixou por dois meses. Ao retornar, trouxe ao analista um pequeno objeto de decoração. Toda feliz, chega e pergunta: “Sentiu minha falta?” Ao que o analista respondeu: “Como foi de férias?”

Após três anos, Litza optou por encerrar seu processo analítico. Num movimento de desconstrução das identificações egoicas (as fantasias de abandono primário, abandono na guerra, abandono da mãe, abandono do pai, que a deixa ir sozinha para o Brasil, abandono do marido que arruma amante, abandono do filho mais velho que corta as relações e a morte do marido) e mais apropriada de sua história, retornou às atividades de pesquisa, viagens e cursos. Nos dois últimos anos, retornou ao consultório para falar de suas palestras e solicitar ajuda com material, ideias. Sente-se bem, alegre, entusiasmada com o trabalho. Sabemos que o que sustenta o desejo é a fantasia. Nesse sentido, uma operação acerca do campo pulsional dá à pulsão um objeto que, no campo da fantasia, possa orientar o sujeito no sentido do seu desejo. A pulsão é carente de objeto. O objeto é da ordem do impossível, mas o sujeito precisa ter, em seu saber, uma escritura do impossível do objeto que causa seu desejo.

Ao apresentar esse fragmento de análise, gostaria de pontuar que as exigências pulsionais demandam um trabalho de síntese e elaboração. Sabemos que há idosos que perderam a capacidade de coesão do eu devido ao histórico de vida. O idoso precisará elaborar suas perdas e, para isso, recorrerá a suas forças para que o eu faça e se aproprie das mudanças necessárias. Sabemos que o aparelho psíquico tem por função escoar o excesso da excitação visando a assegurar a vivência do organismo. Para Bianchi (1993), o funcionamento do aparelho psíquico conduz a energia recebida em duas direções: por um lado, ela é convertida em informação, isto é, em sentido. Por outro, é transformada em “movimento para”, no sentido psíquico, ou seja, possibilidade ou capacidade de investir. O movimento que resulta em investimento fala-nos da essência de toda existência, da vida de relação, da produção de sentido, como afirma Bianchi (1993). Apenas a morte aponta para o fim.

Vivemos, por outro lado, um momento singular, de mudanças significativas: mudanças culturais, de valores, mundo virtual, fragilidade e mudanças das instituições e muitas outras. Como o idoso vive nesse contexto? Em *O futuro de uma ilusão*, Freud (1927/1988) compreende o desamparo não como um momento do funcionamento do psiquismo, mas como uma condição que acompanha o sujeito por toda a sua existência, como sendo um sentimento estruturante.

Ante o desamparo, constitutivo da vida, substituímos os pais por outras identificações que sinalizam segurança. Do grande pai da infância (o herói), admirado e idolatrado e, ao mesmo tempo, temido, vivemos a nostalgia daquele pai. Um sentimento que liga necessidade de proteção

ao desamparo da condição humana. Esse pai protetor, mas que também é o que castra, é o que direciona o desejo do filho. E, na ausência do grande pai, elegemos instituições a quem transferimos esse olhar cuidadoso, imaginariamente falando. Necessitamos nos crer seguros e protegidos. Nesse sentido, na Era da Modernidade, instituições como família, Estado, Igreja e escola foram entendidas como grandes fortalezas que legislavam acerca da vida das pessoas, orientando moralmente o quê e o que não fazer.

Na Pós-Modernidade, presenciamos o esfarelar-se das consideradas grandes pilastras de sustentação da sociedade, rompendo com a tradição. Nesse contexto de mudanças rápidas, falamos das dificuldades dos idosos, sobretudo no que tange à insegurança e ao desamparo proveniente dessas desconstruções históricas. Se antes tínhamos algo que nos segurava, agora, como se refazer sem o “olhar” simbólico das colunas sustentadoras? Assim, a criação de vínculos é o meio de se manter ligados aos objetos do desejo; e é justamente isso que sustenta a existência humana, ou seja, a capacidade humana de produzir encontros. E o velho Freud (1927/1998) já nos dizia isso em 1927: “Não existe regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (p. 91). Assim, penso que a sublimação seria o caminho para que cada sujeito criasse seu jeito de habitar seu mundo interior como tentativa de gerenciar o próprio desamparo e continuar desejando.

4. CONCLUSÃO

Pudemos, no decorrer deste artigo, acompanhar a reflexão acerca da questão suscitada que norteou este tema. Ao ser questionado acerca da produção libidinal no processo do envelhecimento, verificamos que esta é uma força que atua constantemente, sem jamais cessar, como tão bem disse Freud (1915/1996) em *Os instintos de suas vicissitudes*. Não é pelo fato de um sujeito ser idoso e vivenciar um processo de envelhecimento biológico que deva passar pelo mesmo processo libidinal. Talvez aqui haja uma confusão ou um mal-entendido. Pelo que percebemos via vinheta clínica e falando a partir de nossa experiência com idosos, o que verificamos é que, da mesma forma que o nascimento produz traumas, sintomas, no envelhecimento, não é diferente. Nasce não sabendo para onde ir e se envelhece com o mesmo enigma. A cada época, suas questões e desafios.

O idoso se depara com questões acerca do que fazer, do que produzir, em que projeto embarcar. Ante um vazio pelo que fazer, o idoso vivencia

sentimentos, emoções antes não vividas. Tais experiências podem levá-lo a um enclausuramento, e aí lemos tal evento como sintoma e não como diminuição libidinal. Por outro lado, a morte para o idoso se apresenta como algo mais palpável, próximo e é vivido com muita angústia. Essa castração radical a ser elaborada é uma das particularidades dessa clínica. Como o real nos ronda a vida toda, não há outro remédio senão contorná-lo via simbólico.

Para o sujeito que envelhece, em vez de ficar lamentando o desfecho trágico da existência, é convocado a descobrir sentidos para o seu viver. “Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela”, diz Freud (1915-1916/1996, p. 317). O corpo pode estar marcado pela história, mas o sujeito da psicanálise passa incólume pelo tempo, pois este (o inconsciente) não envelhece, como Freud (1915/1996) tão bem descreve quando diz: “E são também atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm qualquer referência ao tempo” (p. 192).

REFERÊNCIAS

- Bianchi, H. (1993). O eu e tempo: psicanálise do tempo e o do envelhecimento. Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1988). O futuro de uma ilusão. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1988). O mal-estar na civilização. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1929-1930)
- Freud, S. (1996). Conferência XXXII. In Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. (Vol. 14, pp. 85-112). Imago. (Trabalho original publicado em 1932-1933)
- Freud, S. (1996). Observações sobre o amor de transferência. Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. XXX-XXX). Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1914-1915)
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho

original publicado em 1915)

Freud, S. (1996). O problema econômico do masoquismo. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 19, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1996). Rascunho E. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 1, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1894a)

Freud, S. (1996). Rascunho F. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 1, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1894b)

Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1915-1916)

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1996). Um estudo autobiográfico. In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 20, pp. XXX-XXX). Imago. (Trabalho original publicado em 1924-1925)

Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). In Sigmund Freud: obras completas (Vol. 17, pp. XXX-XXX, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925-1926)

Freud, S. (2015). O valor da vida. Uma entrevista rara de Freud. 13 de abril. Entrevista concedida a George Sylvester Viereck, em 1926. (P. C. Souza, Trad.). Conti outra. <https://www.contioutra.com/o-valor-da-vida-uma-entrevista-rara-de-freud/>